

## FERNANDO PESSOA

(Lisboa, 13/06/1888 – Lisboa, 30/11/1935)

Fernando António Nogueira Pessoa é um dos principais autores da literatura portuguesa do século XX, cuja obra apresenta várias facetas, algumas ainda pouco exploradas, como a sua criação dramática. Durante a sua curta vida, Pessoa publicou apenas uma peça, *O marinheiro*, em 1915, no primeiro número da revista *Orpheu*. Com a sua morte, em 1935, e com as primeiras edições da sua obra, na *Ática*, surgiram, em 1952, alguns fragmentos de outra peça inédita, editada por Eduardo Freitas da Costa: *Fausto*. Mas foi necessário esperar até às décadas de 70 e 80 para sabermos que estas duas peças, a primeira completa, a segunda fragmentada, não constituíam os únicos testemunhos da sua veia dramática, através das investigações de Teresa Rita Lopes, que editou cinco peças inéditas – *Sakyamuni*, *Salomé*, *Diálogo no jardim do palácio*, *A morte do príncipe* e *Calvário* – e deu a conhecer diversos títulos e pequenos fragmentos de peças ainda por editar no espólio pessoano.

Todavia, o teatro de Fernando Pessoa despertou pouco interesse no âmbito dos estudos pessoanos, não só no que respeita a estudos críticos sobre as suas peças, que têm incidido maioritariamente n' *O marinheiro* e, ocasionalmente, no *Fausto*, mas também no que respeita a edições críticas dos seus textos. Duílio Colombini, em 1986, Teresa Sobral Cunha, em 1988, e Carlos Pittella, em 2018, foram os únicos a publicar novas edições do *Fausto*. Sobre as outras peças (excluindo *O marinheiro*, que tem sido o mais publicado a partir do texto de *Orpheu*), as poucas edições que surgiram nas últimas décadas seguiram o texto fixado por T. Rita Lopes. Como exceções a esta prática, temos, em 2014, Luísa Monteiro, que publicou a peça *Inércia*, e, em 2017, F. Freitas e P. Ferrari, que publicaram catorze peças, algumas parcial ou completamente inéditas, pertencentes ao «Teatro Estático» (denominação estabelecida por Pessoa): *O marinheiro*, *Diálogo no jardim do palácio*, *A morte do príncipe*, *As cousas*, *Diálogo na sombra*, *Os emigrantes*, *Inércia*, *A cadela*, *Os estrangeiros*, *Sakyamuni*, *Salomé*, *A casa dos mortos*, *Calvário* e *Intervenção cirúrgica*. Por fim, veio também à luz outra peça inédita, intitulada *O amor*, publicada na revista *Pessoa Plural*, em 2017. Não obstante estas investigações, um número considerável de textos dramáticos de Pessoa continua, ainda, por estudar e ser divulgado\*.

O interesse de Pessoa pelo teatro e as suas tentativas autorais remontam, pelo menos, a 1907-1908, segundo a datação de alguns fragmentos de *Fausto*. Esta peça é, como se depreende do título, resultado da influência de uma tradição literária sobre o mito fáustico, destacando-se, como principais fontes de Pessoa, as obras de Marlowe e de Goethe. O mistério do mundo é um dos temas que Pessoa mais usou ao longo da sua obra. No «Teatro Estático», que compreende duas fases, a primeira entre finais de 1913 e 1918, e a segunda entre 1932 e 1934, também está fortemente presente essa temática, a par de outras, como o desconhecimento do sujeito sobre si mesmo, o amor como ilusão e a difusa fronteira entre o sonho e a realidade. O «Teatro Estático» foi influenciado pela corrente simbolista francesa do século XIX, destacando-se, como uma das suas referências principais, Maurice Maeterlinck, mas também outros autores fundamentais, como Ésquilo, Eurípides, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde e William Shakespeare. Mas as fontes de Pessoa ultrapassam autores ou textos determinados: o conhecimento de várias correntes filosóficas e religiosas, tanto ocidentais, como

orientais, contribuíram decisivamente para as peças do «Teatro Estático», onde se exploram algumas figuras históricas e bíblicas, como Salomé, Cristo e Buda. Acrescente-se, ainda, que a peça mais conhecida de Pessoa – *O marinheiro* – não é apenas a versão portuguesa publicada no *Orpheu*, tendo em conta que existem oito versões francesas parciais, de finais de 1913, que provavelmente antecedem a versão portuguesa, de c. 1914, para além de três pequenos fragmentos em inglês, de cerca de 1918. Tanto a versão francesa, como a inglesa, ficaram incompletas.

Os textos do «Teatro Estático» são um dos núcleos mais relevantes da produção dramaturgicamente de Pessoa, mas não são os únicos em prosa. Embora muitas peças permaneçam inéditas e sem datação, há pelo menos mais uma, para além de *Fausto*, que antecede a baliza temporal do «Teatro Estático». *O amor* é uma peça que data de 1909-1910 (coevo da tipografia Íbis, criada por Pessoa), que salienta o tema do amor infeliz, mas o seu estilo não se confunde com o do «Teatro Estático»: neste predominam peças sem lugar nem tempo, marcadas pela ausência de acção, por uma linguagem mais ou menos obscura e pela revelação de «estados de alma»; na peça fragmentada *O amor* privilegia-se também a caracterização das personagens, mas há lugar para um enredo com acção e para uma linguagem mais clara e coloquial.

A produção dramaturgicamente de Pessoa também não se esgota aqui: incluem-se, ainda, diversos diálogos sem título, em prosa e em português, que ainda permanecem inéditos, assim como alguns fragmentos de peças identificadas pelo autor, nomeadamente *A sessão dos deuses*, *O circo de Schildroth* e *O burguês*. Todavia, os textos em prosa são apenas uma parcela do teatro pessoano, uma vez que, no seu espólio, também se encontram peças em verso. *Fausto* foi uma das suas primeiras peças em verso, incompleta, mas outras continuam parcial ou totalmente inéditas: *Auto da morte*, *Auto das bacantes*, *Inês de Castro* e a *Trilogia dos gigantes*. Por fim, importa salientar a sua produção em língua inglesa, cujas peças se intitulam *Marino*, *Duke of Parma*, *Prometheus Revictus* e *Candida and Mary*.

Importa, ainda, assinalar que o interesse de Pessoa pelo teatro ultrapassa a sua produção autoral: o poeta deixou vários textos críticos sobre dramaturgos e suas respectivas obras, e uma visita à sua Biblioteca particular revela uma vasta colecção de obras teatrais (incluindo autores como Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Marlowe, Goethe, Racine, Molière, Claudel, Shaw, Vitoriano Braga, Alfredo Cortez, Afonso Gaio, entre outros) e uma substancial secção de bibliografia crítica.

A produção dramaturgicamente de Fernando Pessoa não é insignificante dentro da sua obra completa, nem é despidendo ter ainda em conta que o autor se intitulava um dramaturgo, de tal modo que descreveu a sua heteronímia como «um drama em gente». A datação das peças permite constatar que não se tratou apenas de uma fase passageira, mas que, pelo contrário, a criação de textos dramáticos acompanhou um longo período da sua vida. Futuros estudos sobre esta dimensão criativa e edições das suas peças inéditas poderão contribuir para analisar o seu verdadeiro lugar na obra do autor.

\* Para além destas edições, Pina Coelho publicou um fragmento de *Diálogo na sombra* (1968), e Richard Zenith o fragmento de *As cousas* (2003). No entanto, estes fragmentos não foram identificados como pertencentes ao teatro de Pessoa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDIELLO, Antonio (2016) «Os Orientes de Fernando Pessoa. Adenda», *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, Primavera, pp. 128-185.

COELHO, António de Pina (1971). *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo. 2 vols.

FREITAS, Filipa de (2017). «O amor: uma peça inédita de Fernando Pessoa», *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 670 -684.

LOPES, Teresa Rita (1977). *Fernando Pessoa et le drame symboliste: heritage et creation*. Prefácio de Rene Etiemble. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

PESSOA, Fernando (1915). «O marinheiro (drama estático)», *Orpheu — Revista trimestral de literatura*. Dir. Luiz de Montalvôr e Ronald de Carvalho, n.º 1, Janeiro-Fevereiro-Março, Lisboa, pp. 27 -39.

\_\_\_ (1952). *Poemas damáticos*. Nota explicativa e notas de Eduardo Freitas da Costa. Lisboa: Ática. Obras Completa de Fernando Pessoa, vol. vi.

\_\_\_ (1968). *Textos Filosóficos*. Edição de António de Pina Coelho. Lisboa: Ática. 2 volumes.

\_\_\_ (1986). *Primeiro Fausto*. Organização e introdução de Duílio Colombini. São Paulo: Edições Epopeia

\_\_\_ (1988). *Fausto – Tragédia subjectiva*. Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Presença.

\_\_\_ (1988). *O privilégio dos caminhos*. Pesquisa, transcrição e organização de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Rolim.

\_\_\_ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.

\_\_\_ (2013). *Apreciações Literárias*. Edição crítica de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Coleção «Estudos», vol. iv.

\_\_\_ (2014). *Inércia*. Edição de Luísa Monteiro. Lisboa: Cama de Gato.

\_\_\_ (2017). *Teatro estático*. Edição de Filipa de Freitas e Patricio Ferrari. Colaboração de Claudia J. Fischer. Lisboa: Tinta-da-china.

\_\_\_ (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella. Colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.

## Filipa de Freitas